

GLENN COOPER

MAIS DE 6 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

TRADUZIDO PARA 30 LÍNGUAS

«Uma homenagem
inteligente a
*O Código
Da Vinci.*»
Booklist



A DÍVIDA

Poderá uma dívida antiga
significar o fim do Vaticano?

TOP
SEL
LER

Capítulo 1

Roma, 1848

Os seus olhos eram azuis. Não de um azul esmaecido, mas intenso, da cor do lápis-lazúli, e ela estava hipnotizada pelo seu olhar penetrante e extasiado que a contemplava enquanto fazia amor com ela.

— Não pares, Jean. Por favor, não pares.

— Nada me conseguiria fazer parar — disse-lhe, ofegante, e só parou quando deixou o peso do seu corpo tombar sobre o dela com um estremecimento.

Ele era magro e seco, sem um grama de gordura no corpo. Só dali a uma década se esperaria que sucumbisse aos traços característicos da família, e que o seu corpo assumisse a corpulência lustrosa da fina flor das classes abastadas. Por ora, contava com 27 anos de puro apetite voraz. Apetite na busca por oportunidades, apetite para dar provas do seu valor, apetite por aquela jovem de cabelos negros e pele de alabastro.

O cabelo de Ricca deixava-o perplexo, negro como uma noite sem luar, a cair-lhe até ao fundo das costas, farto de caracóis que ele enrolava nos dedos. Deitado nos braços dela a brincar com as suas madeixas, prendeu neles o seu anel.

Ela gritou de dor, porém antes que pudesse pedir desculpa, ouviu-se ao longe o estampido de um tiro de espingarda.

Ele levantou-se e com um salto aterrou no soalho áspero. Ainda nu, correu a cortina. O sol da manhã já brilhava com intensidade suficiente para penetrar até mesmo aqueles vidros sujos

e tingir com matizes de amarelo o quarto. O gueto romano, o enclave judeu situado no bairro de Sant'Angelo, era um aglomerado sombrio de gente, fruto das suas ruas estreitas e moradias altas. Contudo, o seu quarto estava virado para leste e ficava situado no último andar de um edifício do século XVIII e, apesar de as condições serem miseráveis, a verdade é que a luz que recebia todas as manhãs era inestimável. As muralhas do gueto tinham impedido a expansão do quarteirão, mas os patriarcas de Roma há muito que haviam feito vista grossa à construção em altura. Se e quando um edifício mal construído desabasse... Bem, a verdade é que só haveria a lamentar a perda de vidas judias.

Jean abriu a janela para perceber de onde vinham os tiros, mas tudo o que cortava o silêncio que se instalara era a discussão de um casal no talho que ocupava o piso térreo.

— Julgo que os disparos vêm das margens do rio, mas não tenho a certeza.

A jovem pareceu ficar perturbada e começou a vestir-se. Ele ainda pensou que o retomar dos confrontos na rua a tivessem feito perder a vontade, mas ela desenganou-o.

— Porque não me acordaste? — atirou-lhe.

— Pensei que te tivesse acordado. Não gostaste da maneira como o fiz?

— Não foi isso que eu quis dizer! Meu Deus, já é tarde. O meu pai vai matar-me.

— Se ele te puser a mão em cima, terá de se haver comigo.

— Não estás a ajudar, Jean.

Ela pediu-lhe que se virasse enquanto usava o penico e, quando terminou, ele anunciou que tinha um plano.

— Vou à loja à tua procura e aproveito para comprar pão e bolos, assim um pedido complicado para te dar tempo para subires pela escada das traseiras e entrares no teu quarto. Quando ele te for chamar, diz-lhe que não conseguiste levantar-te porque tens febre ou dor de garganta ou algo assim parecido. Não te preocupes, o plano vai resultar às mil maravilhas.

A maneira como Jean expôs o plano não soou bem em italiano, a sua terceira língua. Ela corrigiu-o, como costumava fazer. Ele

nascera em Paris e vivera dez anos em Londres antes de viajar para Veneza numa missão para expandir os negócios da família para uma cidade próspera e amiga dos mercadores. Mas após um começo auspicioso, uma série de revezes fez com que tivesse de voltar à estrada. Em vez de regressar a Inglaterra com o rabo entre as pernas e admitir a derrota perante um pai autoritário, decidira tentar a sorte em Roma. O modesto escritório que alugara ficava em frente à loja do pai de Ricca, do outro lado da estrada. Era inevitável que os seus caminhos se cruzassem.

O pai dela, um padeiro de quinta geração indigente, salivara com a ideia de casar a filha com o herdeiro de um homem rico, mas Jean sabia que tal não agradaria ao seu próprio pai.

Novos tiros de espingarda. Duas descargas sucessivas.

— Republicanos — desdenhou Jean. — As revoluções são prejudiciais para os negócios. Quando é que isto terá fim? Primeiro a França, depois a Alemanha, a Hungria, a Polónia, a Galiza. E agora a Itália.

— As pessoas só querem ser livres — disse-lhe ela.

— Essa suposta liberdade é para os cristãos — retrucou ele enquanto vestia as calças —, não para nós que somos judeus. Arranjam sempre maneira de nos dominar.

Ela calçou os sapatos.

— Julgo que este Papa novo é um bom homem. As muralhas do gueto estão a cair, mesmo que lentamente. Não podes dizer que não.

Ele mudou de assunto para algo mais do seu agrado.

— Quando voltamos a ver-nos?

— Veremos se sobrevivo ao dia de hoje — respondeu ela.

Ele agarrou-a em busca de um último beijo.

— Que tal amanhã à noite?

Ela afastou-o e disse:

— Que tal casarmos primeiro? Depois posso ser tua todas as noites da semana e sempre poupas o dinheiro do aluguer deste quarto sem graça. E eu voltarei a ser uma mulher honesta.

— Ficamos combinados para amanhã à noite — disse ele, sorridente, esquivando-se às indirectas. — Mal posso esperar.

Abriu a porta e esperou que ela o seguisse. A princípio, o som de passos a subir as escadas não o alarmou. Afinal de contas, os quartos por baixo eram habitados por uma família. Mas quando os passos continuaram até ao seu andar, ele paralisou. Será que alguém tinha descoberto o seu ninho de amor? O pai de Ricca? Os seus irmãos?

Antes que pudesse fechar a porta, a figura de um homem tornou-se visível, seguida de mais dois, todos eles envergando punhais.

— Jean Sassoon! Quietos! — Ele fechou rapidamente a porta do quarto e correu o ferrolho.

— O que se passa? — gritou Ricca.

— Não sei. Esconde-te debaixo da cama, depressa.

Depois de ignorar duas ordens insistentes para abrir, os homens arrombaram a porta, projetando lascas de madeira para dentro do quarto.

— Jean Sassoon — atirou um homem entroncado trajando à civil, o punho cerrado contra o cabo do punhal —, ordeno-lhe que venha connosco.

— Aonde? — quis Jean saber, fazendo os possíveis para firmar a voz.

A resposta fez ricochete.

— Ao Vaticano.

Uma palavra solitária em forma de pergunta formou-se na mente de Jean.

— Porquê?

— Um homem de barrete vermelho quer falar consigo.

Capítulo 2

Vaticano, presente

Pascal Lauriat não tinha o aspeto de um homem moderno. Talvez isso se devesse à sua barbicha grisalha e elegante, ao bigode fino e à sua insistência em usar sempre todos os paramentos da sua posição de cardeal-secretário de Estado que o faziam parecer algo diferente dos antigos retratos dos cardeais dos últimos séculos que se alinhavam nas paredes do Vaticano. Assim que regressou ao seu gabinete após a audiência privada com o Papa Celestino VI, convocou três dos seus colegas para uma reunião. Os cardeais Malucchi e Cassar foram os primeiros a chegar, e, alguns minutos depois, foi a vez do Cardeal Leoncino, o influente secretário da Prefeitura dos Assuntos Económicos da Santa Sé, que entrou e fechou as pesadas portas atrás de si.

Mario Leoncino tinha manchas de vitiligo¹ na cara, e, mesmo ruborizado da corrida pelo recinto do Vaticano, as manchas brancas pareciam mais pálidas do que o habitual.

— E então? — quis saber. — Como correu?

— Ele estava muito animado — informou Lauriat. Os outros homens riram-se da forma como o francês contraiu os lábios, como se tivesse acabado de chupar um limão assaz amargo. Não se dava o caso de Lauriat antipatizar com o Papa. Muito pelo contrário, sempre o considerara encantador no trato pessoal e até mesmo

¹ Doença cutânea caracterizada pela despigmentação da pele, o que provoca o aparecimento de manchas claras. [N. T.]

desarmante. Claro que até há pouco tempo tinham sido colegas. O Cardeal Aspromonte presidia à Secretaria de Estado quando Lauriat era o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Nessas funções, os dois homens tinham-se dado lindamente, partilhando muitas vezes refeições e coscuvilhices da Cúria. Lauriat pensava que conhecia o homem e, na verdade, votara em Aspromonte em todas as eleições do conclave que o elevaram ao trono de São Pedro. Além disso, recorrera à sua influência a favor dele. Por sua vez, Aspromonte compensara o prelado francês promovendo-o ao cargo que ele próprio ocupara anteriormente.

— Pior ainda do que receávamos? — perguntou o Cardeal Cassar. O sisudo arcebispo de Malta era um homem de porte atlético, um exímio golfista que parecia estar sempre prestes a juntar as mãos e a simular uma tacada.

— Diria que sim — assentiu Lauriat. — Tinha na sua posse um novo relatório dos auditores que tenciona rever com o C10 antes de o apresentar formalmente ao conselho económico. Fartou-se de barafustar por causa dele. Chegou a abaná-lo por cima da cabeça como se fosse um estandarte. Já se sabe que tem queda para o dramatismo.

Malucchi, o vigário-geral da diocese de Roma, estava bem encaminhado para se tornar tão corpulento como o próprio Papa. Deixou-se cair numa das cadeiras de boa qualidade de Lauriat e começou a resmungar.

— Os auditores — atirou, proferindo as palavras como se descrevessem uma doença venérea. — São mais pios do que os padres. A Igreja enfrenta desafios sem precedentes e o Papa anda obcecado com dinheiro. Só pensa em lucros e perdas, ativos e dívidas, e naqueles malditos balancetes. Está sempre a imaginar o pior. Para ele, todos são corruptos. Vê má conduta em tudo o que não percebe. Esta obsessão parece ter precedência relativamente a preocupações basilares como tradição e fé. Parece que elegemos um contabilista e não o Vigário de Cristo.

— A que propósito vem isto agora? — perguntou Leoncino, exasperado. — Ele quer mesmo entregar a nossa Igreja aos mangas-de-alpaca da contabilidade? O nosso amigo Aspromonte

conseguiu ocultar as suas verdadeiras inclinações ao longo de todos estes anos, mesmo quando ocupava este gabinete. Se soubesse o que sei hoje, nunca teria votado nele.

— Pois eu não votei nele, nem mesmo na votação final — resfolegou Cassar. — O meu voto foi para si, Pascal.

Lauriat inclinou a cabeça e esboçou-lhe um sorriso.

— O que está feito, feito está. Já temos o nosso Papa e temos de fazer o que os cardeais da Cúria sempre fizeram. Temos de ser um tampão contra inclinações insalubres. Temos de controlar os danos. Celestino não é infalível no que toca à governação e à administração. Tem demasiados telhados de vidro para dar tiros no escuro. Não tem tempo nem capacidade para compreender totalmente os meandros das nossas práticas e instituições financeiras, assim como o papel que estas desempenharam a servir de lastro do navio do Estado. O seu tempo de vida será insuficiente para que os seus novos conselhos e comissões consigam rasgar todos os véus. Não se esqueçam de que temos gente no conselho económico e que eu e o Mario conseguimos garantir um lugar à mesa do C8, o seu conselho de apaniguados, e transformá-lo no C10. Nenhuma decisão será alheia ao nosso conhecimento. Quando Celestino partir, haverá uma viragem de página. O Papado alinha-se automaticamente. O pêndulo há de balançar.

— Se Deus quiser — rematou Malucchi, enquanto pegava num bolo.

Capítulo 3

Cal Donovan já estava habituado aos olhares e aos comentários em surdina sempre que entrava nas salas de leitura do Arquivo Secreto do Vaticano.

Ocasionalmente, conseguia ouvir os sussurros dos outros académicos que estavam sentados nos seus lugares designados.

— Aquele é o Donovan.

— Sortudo do caraças.

— Parece ser um arrogante de primeira.

Por norma, um arquivista do Vaticano esboçava-lhe um sorriso cúmplice e dava-lhe passagem pela entrada privada até à zona reservada aos funcionários. Ali chegado, ficava sozinho e livre para percorrer os vários pisos, livre para se deter diante de qualquer armário ou prateleira e para vasculhar qualquer artigo do arquivo, sendo as únicas exceções os documentos modernos dos últimos 75 anos, que eram absolutamente vedados a pessoas de fora.

Para todos os outros investigadores, o Arquivo estava ostensivamente «aberto», apesar de a definição da palavra poder ser um pouco turva. Um académico credenciado teria de fazer um pedido por escrito para aceder ao Arquivo Secreto ou à contígua Biblioteca Apostólica do Vaticano. Anualmente, era concedido acesso a cerca de 1500 investigadores, mas havia um senão. Tinham de solicitar livros ou documentos específicos constantes na coleção e, para tal, dependiam de catálogos e índices imperfeitos e tinham de lidar com a possibilidade muito real de um documento ter sido acidental

ou propositadamente perdido algures no passado. Os documentos solicitados eram entregues numa das salas de leitura e devolvidos ao depósito finda a consulta.

A primeira vez que Cal usou o seu cartão de leitor dourado fê-lo com o único propósito de dar um longo passeio por 12 séculos de História. Começara pelo piso superior, pela Torre dos Ventos coberta de frescos, construída no século XVI pelo Papa Gregório XIII para servir de observatório solar. Em seguida, inspirara o ar bafiento do segundo piso, o chamado Piso Diplomático, mandado construir no século XVII pelo Papa Alexandre VII como repositório central de toda a correspondência diplomática dos legados, núncios e outros representantes da Santa Sé. Toda a comunicação escrita entre o Vaticano e os Estados do Antigo Regime ainda estava armazenada, compilada ou em folhas soltas, nos mesmos armários de madeira mandados construir por Alexandre, um espólio que ia desde o século XV até à época de Napoleão.

A paragem seguinte foram os 13 quilómetros de documentos guardados na longa galeria construída no início do século XX a oeste do Pátio do Belvedere. Apelidada pelos funcionários de «Galeria das Prateleiras de Metal», os documentos ali armazenados incluíam o arquivo dos gabinetes da Cúria, diversas comissões do Vaticano e documentos da residência papal. Não muito longe ficava outro arquivo, o chamado Soffittoni, construído após a Segunda Guerra Mundial por cima da galeria de cartografia do Museu do Vaticano, que continha a história documental da Congregação para os Bispos e outras congregações vaticanas.

Por fim, descera até à cave para explorar a zona mais recente do Arquivo, afetuosamente apelidada de *Bunker*. Era ali, sob o Pátio da Pinha dos Museus do Vaticano, que se estendiam 43 quilómetros de prateleiras mandadas construir pelo Papa João Paulo II em 1980, uma estrutura de dois pisos em betão armado e à prova de fogo, meticulosamente climatizada e com controlo de humidade. O *Bunker* albergava um vasto espólio de documentos, antigos e modernos, desde os arquivos das famílias mais importantes do Estado da Cidade do Vaticano às diversas instituições da Cúria Romana e respetivos concílios; desde a Congregação dos Direitos

aos arquivos mais recentes da Secretaria de Estado. Para grande contentamento de Cal, até lhe tinham concedido acesso aos armazéns mais restritos contíguos ao *Bunker*, que guardavam os maiores tesouros dos arquivos, como a carta dos nobres ingleses ao Papa Clemente VII relativa à «Grande Questão» do divórcio de Henrique VIII, o Édito de Worms, com a assinatura do Imperador Carlos V, e a bula de excomunhão de Martinho Lutero. Exultante e com os pés doridos, Cal tinha emergido da sua primeira visita ao Arquivo Secreto e seguido diretamente para o café mais próximo, para comemorar com uma bebida digna desse nome.

Naquele dia, dirigiu-se à recepção e ficou satisfeito por ver um velho conhecido, o arquivista assistente Maurizio Orlando, o número dois na hierarquia, surgir do escritório nas traseiras para o saudar.

— Professor Donovan! — disse Orlando, com os óculos a balançar no cordão que trazia ao pescoço. — Disseram-me que viria hoje. Espero que se encontre bem.

Cal apertou-lhe a mão e ambos trocaram palavras de cortesia antes de o arquivista perguntar em que podia ajudá-lo.

— Bem, talvez me possa indicar se estou a ir para o sítio certo.

— Com certeza. Qual é o objeto da sua pesquisa?

— Já ouviu falar de um cardeal chamado Luigi Lambruschini?

— Sim, claro. Creio que esteve quase a ser nomeado Papa em meados do século XIX.

— Conhece bem os cardeais, Maurizio. Foi secretário de Estado do Papa Gregório XVI e esteve muito próximo de se sentar no trono no conclave de 1846. Foi uma figura de proa das revoluções nos estados italianos, em 1848. Estou a escrever uma dissertação sobre o seu papel na supressão das revoltas ao granjear o apoio dos franceses, por isso procuro documentos primários. Estava a pensar em começar pelo Piso Diplomático.

Orlando acenou com a cabeça e comentou:

— Eu faria o mesmo. Vejamos, 1848. Foi durante o pontificado de Pio IX. A correspondência oficial da Cúria com os seus embaixadores na corte de Napoleão III e com os clérigos superiores em Paris, Marselha, Lyon e outras grandes cidades pode ser terreno fértil.

— Maurizio, tem tanto de sábio como de cavalheiro.

Orlando refulgiu de satisfação.

— Boa caçada, Professor. Ligue para o meu gabinete se precisar de ajuda.

— Assim farei.

O semblante de Orlando tornou-se subitamente grave. Parecia querer acrescentar mais qualquer coisa, por isso Cal deu-lhe a oportunidade, não arredando pé.

— Não me agrada muito tocar neste assunto, Professor, mas recebi um telefonema estranho aqui há dias do diretor do seu departamento em Harvard, o Professor Daniels.

— Ai sim? Estranho em que sentido?

— Ele, como dizê-lo, solicitou com alguma premência os mesmos privilégios que o Arquivo lhe concede. Disse que na qualidade de seu superior, seria justo que assim fosse.

Cal sentiu o sangue a ferver.

— Se me permite a pergunta, o que lhe disse?

— Disse-lhe simplesmente que os seus privilégios eram intransmissíveis e que lhe tinham sido concedidos pelo próprio Papa Celestino, não pelos serviços do Arquivo ou pelo cardeal-bibliotecário. Expliquei-lhe que não podia fazer nada a esse respeito.

— E como reagiu ele?

— Ficou bastante irado.

Cal abanou a cabeça.

— Aposto que sim.

Uma semana antes

Os ténis de Cal chiavam ruidosamente no piso de madeira do campo de basquetebol do Hemenway Gymnasium de Harvard. O jogador que o cobria não era um adversário qualquer. Era o chefe de Cal, se é que podemos dizer que os professores doutorados — uma espécie muito protegida — têm chefes. Gil Daniels era, mais precisamente, o reitor de Cal, um distinto professor de Teologia da Harvard Divinity School. Os dois andavam sempre

de candeias às avessas, por isso era perfeitamente normal que se enfrentassem periodicamente integrando equipas de professores adversárias. Daniels era um britânico empedernido com uma carreira académica centrada na história dos evangelhos sinóticos², um tema que entrava um pouco pela área de especialidade de Cal. Daniels era dez anos mais velho e, mais importante para o caso, anormalmente alto, mais ou menos o tamanho de uma cabeça mais alto do que Cal, ele próprio com um respeitável metro e 83 centímetros de altura. E enquanto Cal sempre fora um jogador de ocasião, Daniels integrara uma equipa masculina oficial na Universidade de Oxford.

Cal fora obrigado a assumir uma pouco habitual posição de poste, visto que os colegas que apareceram para jogar naquele dia eram todos relativamente baixos.

— Onde raio está o Cromer? — perguntara ao capitão da equipa, um professor de Literatura Inglesa, referindo-se ao poste habitual.

— Acho que foi receber um prémio qualquer de Geofísica.

— O Daniels vai ser um problema — antecipara Cal.

— Vais conseguir desviar-te dele como se mais não fosse do que uma árvore de raízes bem vincadas.

— Bem dito, Harold. Um dia destes hás de dedicar-te às letras.

O capitão tinha razão. Cal era mais rápido e tinha um melhor controlo de bola. Havia superado Daniels numa proporção de 2/1 em pontos marcados na primeira parte. Quando começou a segunda parte, Daniels recorreu a uma estratégia diferente. Colou-se a Cal como uma lapa.

Como se tratava de um jogo particular entre professores, não havia árbitro. Os próprios jogadores apontavam as faltas e fiavam-se no conhecimento académico das transgressões às regras do jogo. Mas Cal não era dado a gritos de «Falta! Foi falta!». Preferia fechar os olhos às infrações ligeiras e ajustar contas numa retaliação silenciosa no caso das mais graves.

² Dos evangelhos de S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas, pela sua semelhança ou paralelismo, por oposição ao evangelho de S. João. [N. T.]

Herdara essa ética do pai, um disciplinador rígido e um homem com H grande, que ensinara ao seu único filho que a melhor forma de lidar com rufias e miúdos durões não era com queixas aos professores, mas com um bom par de murros no nariz. Era a mãe quem, mortificada, atendia o telefone ao diretor da escola e encaminhava em seguida Cal para o santuário revestido a madeira que era o escritório do pai.

Nessas alturas, atrás da sua imponente secretária, o pai, o famoso arqueólogo Hiram Donovan, ouvia o relato que o rapaz fazia da refrega e dizia:

— Prepara-te para gritar bem alto — enquanto batia com um livro pesado no tampo da secretária.

O rapaz sorridente gritava «Ai!», enquanto o pai abria a caixa de charutos que guardava numa das gavetas da secretária e entregava a Cal uma moeda romana para a sua coleção.

— Agora, pisga-te daqui e faz um ar condoído. Pela tua mãe.

Quando Cal avançou para o cesto, o braço comprido de Daniels enrolou-se à volta do seu pescoço e bloqueou o braço com que ele ia lançar. A bola ultrapassou os limites do campo.

O capitão de Cal gritou «falta», mas Daniels fez-se de desentendido e disse:

— A decisão é do Cal, Harold, não é tua.

— Sofreste falta, Cal? — perguntou Harold.

Cal abanou a cabeça, limpou o suor dos olhos e posicionou-se à defesa, enquanto sussurrava a Daniels:

— Gil, custa-te assim tanto fazer jogo limpo?

Daniels esboçou um sorriso e respondeu:

— O meu jogo é escrupulosamente limpo, Cal. Todos sabem disso.

Na posse da bola seguinte, Cal recebeu e driblou com a bola, esquivando-se ao desajeitado Daniels, até chegar ao cesto, onde se preparou para o afundação. À medida que os seus braços se elevavam no ar, foi atingido por trás pelo peito de Gil Daniels. Em desequilíbrio, guardou a bola com o braço esquerdo e desferiu uma cotovelada violenta com o braço direito contra o esterno de Daniels, projetando o homem mais alto para trás.

— Falta! — gritou Daniels, quando recuperou o equilíbrio.

— Tu fizeste falta primeiro — respondeu imediatamente o capitão de Cal. — Passaste o dia a fazer faltas contra ele.

— Caramba, Cal, esta doeu — disse Daniels, enquanto esfregava o peito.

— Quando fazes jogo sujo, é esse o resultado — ripostou Cal.

— Estou a fazer jogo duro, não sujo, bolas — protestou Daniels.
— Uma cotovelada é jogo sujo.

Cal não cedeu.

— Sei reconhecer quando alguém faz jogo sujo.

Um colega de equipa de Daniels, um jovem professor de Economia, riu-se e disse:

— Calma, Cal. Estás a falar com o teu reitor.

Cal fulminou-o com o olhar.

— Somos todos iguais dentro das quatro linhas.

Outro jogador tentou deitar água na fervura com o seguinte comentário:

— Ainda bem que vocês ensinam religião. Se fossem do departamento do governo, já haveria sangue no chão.

Harold sugeriu uma pausa de cinco minutos e as duas equipas seguiram para linhas laterais contrárias. Havia um único espectador nas bancadas, um homem jovem e compacto com entradas no cabelo, olhar inquieto e colarinho clerical.

— Não deixa de ser surpreendente — disse o padre no seu sotaque de Galway quando Cal se juntou a ele. Cal limpou a testa com uma toalha.

— O que é que não deixa de ser surpreendente?

— Já conto com agressões físicas quando vou aos teus combates de boxe, mas sempre pensei que o basquetebol fosse uma modalidade mais calma.

— Brincadeiras de rapazes.

— É disso que se trata? Seja como for, fico contente.

— Porquê?

O padre esclareceu, com uma expressão neutra:

— Se fazes isto ao teu chefe, quem diz que não te posso fazer o mesmo?

Durante o resto do jogo, Daniels comportou-se e a equipa de Cal ganhou por oito pontos. No final, Daniels foi ter com ele e disse-lhe:

— Sem ressentimentos, amigo.

— Claro, Gil.

— Temos de fazer jogo duro para ganhar, certo?

— Sábias palavras — respondeu Cal de forma pouco convincente. Cal sentou-se no banco para arrumar o equipamento e Daniels fez o mesmo.

— Ouvi dizer que estás de partida para Roma — disse-lhe.

— Depois de amanhã.

Todos os anos, sem falta, Cal passava duas semanas em Roma durante as férias de Natal e, no mínimo, mais um mês durante o verão a fazer pesquisa para o projeto que tivesse em mãos na altura.

— Vais visitar o Vaticano?

— O Papa é católico?

Daniels riu-se e correu o fecho do saco de desporto.

— Presumo que vás usar o teu cartão de leitor dourado.

Cal já tinha adivinhado o comentário. O ressentimento era palpável. Como recompensa pelos serviços prestados ao Vaticano no caso do padre estigmatizado Giovanni Berardini, o Papa Celestino concedera a Cal um privilégio singular cobiçado por todos os estudiosos eclesiásticos do mundo. Cal era o primeiro académico de fora do Vaticano a quem fora concedido acesso ilimitado à Biblioteca do Vaticano e ao Arquivo Secreto do Vaticano. Cal podia percorrer os corredores de prateleiras e consultar tudo o que quisesse. Qualquer manuscrito. Qualquer livro. Qualquer molho de cartas. Qualquer livro-razão. Qualquer bula ou proclamação papal. Cal não fazia alarde nem se vangloriava do seu estatuto singular, mas estas coisas acabam sempre por se saber e ele começou a ser alvo de inveja — alguma com bom fundo, outra nem por isso. Daniels tinha tendência a exagerar, e a rematar sempre com o seu sarcasmo irritante.

— Em que estás a trabalhar? — perguntou Daniels.

— O Cardeal Luigi Lambruschini. Já ouviste falar dele?

— Creio que não.

— É do início do século XIX. Não muito conhecido.

— Bem, se precisares de alguém que te apare os lápis ou a pena, avisa-me.

— És um homem de múltiplos talentos, Gil.

Daniels colocou o saco ao ombro e preparou-se para sair.

— E vê se não te perdes. Ouvei dizer que o Arquivo é um labirinto sem fim.

— Tem cerca de 85 quilómetros de extensão.

Daniels assobiou.

— Se não encontrares o caminho de volta, mandamos um São Bernardo com uma barrica de brandy.

— Enche-a com vodca gelada e eu certifico-me de que me perco.

O padre Murphy ainda estava na bancada à espera de Cal para seguirem juntos para os gabinetes de Divinity Avenue. Daniels avistou-o e disse:

— Aquele é o Joe Murphy, não é?

Cal tinha a certeza de que Daniels sabia exatamente quem era. Tinha-lhe apresentado Murphy num simpósio recente ao qual Daniels comparecera. O padre dera uma palestra sobre o tema da sua aclamada tese de doutoramento que versava as crónicas do Papa Gregório sobre São Bento. Agora que Murphy tinha o seu diploma, Cal estava a fazer os possíveis para que ele fosse nomeado leitor do departamento. Não que houvesse quotas a preencher, mas Cal considerava que um padre jesuíta seria um bom complemento para a Divinity School e sem dúvida que Murphy se tornara um jovem académico de mérito.

— É, sim — respondeu Cal. — Já tens o dossiê dele há algum tempo. Alguma ideia?

— Sinceramente, tenho andado assoberbado. Talvez consiga dar uma olhadela na papelada dele durante as férias. Vou ficar em Cambridge. Não tenho nenhum cartão dourado.

Cal vestiu as calças de fato de treino e a camisola para enfrentar a neve que cobria o *campus*. O padre teve de se apressar para acompanhar as longas passadas de Cal, enquanto se debatia para acender o cigarro à pressa.

— Pensei que tinhas deixado de fumar — comentou Cal.

— Também eu.

— A pecar em público, francamente.

O fumo que lhe saía dos pulmões misturou-se com os flocos de neve.

— A esse propósito, já dizia São Bento: um padre não deve esconder do abade os pensamentos impuros que tomam conta do seu coração, nem tão-pouco os pecados que comete em segredo.

— Não sabia que era teu abade.

— Um orientador académico não está muito longe desse estamento. Digamos que és o meu abade secular. Falaste com o Daniels a meu respeito, verdade?

— Ou tens ouvidos de tísico ou sabes ler os lábios.

— A última. Em miúdo, tinha um amigo surdo. Aprendi, em solidariedade.

— Ele disse que ainda não analisou a tua candidatura.

— E tu acreditas nisso?

— Não sei bem.

— Está na altura do plano B? — perguntou o padre. — Talvez tenha de limpar o pó ao velho banco do confessional lá da minha terra.

— Isso não vai acontecer. Tenho a certeza de que a tua candidatura seria aceite na Boston College ou em Notre Dame num piscar de olhos. Temos tempo. Quero-te aqui, Joe. Deixa este assunto comigo.

Cal tentou esquecer a irritação que sentia com Gil Daniels e inspirou o ar bafiento do Piso Diplomático. O espaço estava por sua conta. As grandes estantes de madeira que estavam alinhadas contra a parede não tinham qualquer tipo de etiquetas e, mesmo já tendo feito alguma pesquisa ali, era um verdadeiro tiro no escuro encontrar aquelas que procurava. Felizmente, regra geral, estavam dispostas por ordem cronológica. Assim que encontrou a estante que continha a correspondência diplomática entre 1848, ano em que o Papa Pio IX foi obrigado ao exílio pelos revolucionários, e meados de 1849, quando foi escoltado de volta para o

Vaticano sob a proteção das tropas francesas, começou a subir um escadote para chegar aos volumosos tomos encadernados.

Era um trabalho moroso examinar documentos em italiano e francês numa letra miudinha, em busca de qualquer referência ao Cardeal Lambruschini. As horas pareciam arrastar-se e ele começou a sentir os efeitos do *jet lag*, em combinação com o desconforto dos bancos de costas direitas não almofadados, que constituíam os únicos assentos da sala. A pesquisa revelou-se, em grande medida, infrutífera; encontrou apenas uma vaga referência ao cardeal num comunicado. Cal não ficou particularmente surpreendido com esse facto. A maior parte da correspondência relevante desse período centrava-se no secretário de Estado em funções, o Cardeal Gabriele Ferretti. Lambruschini, tendo abandonado o cargo em 1846, teria sido uma presença mais discreta no regime do Papa Pio, sussurrando ao ouvido do pontífice liberal, defendendo uma política de punho de ferro na resposta aos revolucionários. Se o conservador Lambruschini tivesse sido aclamado no conclave de 1846 e subido ao trono, o Vaticano teria optado por uma abordagem mais atempada e bélica à revolução republicana que começava a despontar, e talvez a História tivesse seguido um rumo diferente. Contudo, mesmo que Lambruschini já não fosse secretário de Estado durante a revolução, ainda tinha uma voz reacionária ativa e, por esse motivo, os republicanos tinham-lhe um ódio visceral. A sua residência em Roma foi saqueada e ele teve de fugir para salvar a vida.

A barriga de Cal começou a dar horas e a sua mente foi invadida por imagens de café e de sandes. Não obstante, continuou a percorrer os acontecimentos da década de 1840 até chegar finalmente ao ano crítico de 1848, o da Revolução Italiana. Esse ano fatídico ocupava, nem mais, nem menos, do que cinco tomos volumosos. Quando chegou ao último dos cinco, já quase não sentia as costas com as dores provocadas pelo maldito banco, por isso decidiu sentar-se no chão com as pernas cruzadas contra uma estante e com o livro pesado aberto no colo. Foi quando uma das jovens bibliotecárias assistentes chegou perto dele e tentou disfarçar um sorriso. Já a vira noutra ocasião, e recordou-se do seu nome mesmo a tempo.

— Como está, Mariagrazia? Presumo que esteja intrigada por me ver aqui sentado.

Era uma mulher bonita, de pele morena, porventura na casa dos 30, ou talvez nem tanto.

— É verdade que isso me deixou intrigada, professor.

— Os bancos são muito desconfortáveis.

— Posso levar-lhe os livros para a sala de leitura. As cadeiras não são das mais confortáveis, mas são melhores do que estes bancos.

— Prefiro ficar aqui. É mais tranquilo.

— Como queira. Vou deixá-lo em paz.

Ela não tinha aliança; era o tipo de coisas em que ele reparava. Ponderou convidá-la para almoçar ou para tomar um copo depois do expediente. Talvez uma coisa levasse à outra — nunca se sabia.

Um devaneio maldoso tomou conta da sua mente. Estava agora no apartamento da sua mãe, sobranceiro ao Central Park.

— Mãe, gostaria de lhe apresentar a minha esposa, Mariagrazia. Sim, ela é muito nova, mas a mãe também era quando casou com o pai. Já lhe disse que ela é uma boa e devota católica? Mãe, o que se passa? Sente-se bem?

Dois dias antes de Cal partir para Roma, parara em Manhattan para a visita obrigatória à mãe. Bess Donovan era uma força da natureza. Por altura do jantar comemorativo do seu 75.º aniversário num elegante restaurante da velha guarda em Manhattan, Cal erguera o copo para fazer um brinde diante de 100 dos seus amigos mais chegados. Começara o discurso descrevendo a mãe com um único adjetivo: indómita. Todos compreenderam perfeitamente o que ele quis dizer. Nunca se tinha deixado vencer, ou melhor, nunca admitira em público qualquer tipo de derrota, grande ou pequena. Tinha superado um cancro na mama e mantinha atualmente um impasse com a sua leucemia crónica. Tinha conseguido ultrapassar a dor desoladora da perda do marido, que morrera em circunstâncias misteriosas numa escavação no Médio Oriente. Depois de ter enterrado Hiram Donovan em Boston, mudara-se de volta para a sua Nova Iorque nativa, onde se assumira como uma figura de proa na filantropia em prol das artes.

Depois de Cal terminar o seu discurso caloroso e ligeiramente irreverente, a mãe seguira-o até ao palanque e, já um pouco tocada do champanhe, dissera:

— Quero agradecer ao meu filho, Calvin, pelo seu discurso. Ele não é lindo, meninas? Parece um jovem Cary Grant ou Gregory Peck, não acham?

Uma amiga, igualmente tocada, gritou da sua mesa:

— Mostras bem a idade que tens, Bess. Eu cá acho-o parecido com o Jon Hamm de *Mad Men*.

— Ora, aí está outro homem muito bonito — respondera Bess. — Agora a sério, meninas, de mãe judia para mãe judia, não é médico nem advogado, mas é professor em Harvard como o meu falecido marido e continua solteiro, nem sequer é divorciado. Enviem-me um e-mail com os nomes e credenciais das vossas filhas, sobrinhas ou, no caso das minhas amigas mais antigas, das vossas netas, para fazermos um arranjinho. E sei o que estão a pensar — nunca casou, está na casa dos 40, mas não, não é homossexual! Perguntem às ex-namoradas dele.

Durante a sua visita, Cal tomara chá com a mãe na sala do seu apartamento em Park Avenue, com o som abafado das buzinas dos táxis na rua como pano de fundo. Ela estava toda aperaltada, a maquilhagem carregada, o cabelo um maciço armado com doses generosas de laca. Ele acreditava nunca ter visto o tom natural da sua pele ou o seu cabelo domado em rolos, nem sequer em pequeno. Por estes dias, ela era uma mulher frágil, de pele translúcida, as mãos cobertas de manchas. Caminhava apoiada numa bengala. Mas não numa daquelas bengalas de compra, antes uma esplêndida relíquia em ébano e madrepérola, que ganhou em funcionalidade com o acrescento de uma nova pega de borracha. Quando ela levou a chávena de chá à boca, os tremores tornaram-se mais pronunciados. A criada tratara de compensar a fragilidade ao encher a chávena de porcelana apenas até meio.

— Então, partes amanhã, é isso? — perguntara.

— Tenho um voo de manhã cedo.

— E vais para onde, mesmo?

— Roma. Para o Vaticano.

— Outra vez? Parece que passas ali mais tempo do que devias. Gostava que alargasses os teus horizontes. Já não vais para novo.

Ele esboçara um meio sorriso.

— Outra vez essa conversa?

— Que conversa?

Claro que sabia ao que ele se referia. A conversa da religião. A conversa do legado e da identidade. A conversa do casamento.

— O Willie Sutton assaltava bancos porque era lá que estava o dinheiro — observara ele. — Um professor de História da Religião vai para o Vaticano porque é lá que estão os documentos.

— Também há documentos em Israel.

Ele tinha tentado não se exaltar.

— Vou com alguma regularidade a Israel. Sabe bem disso.

Ela pousou a chávena, chocalhando-a no pires.

— Quero ter netos, Cal. Só tu podes tornar isso possível. Quero netos judeus, não católicos. A quantidade de tempo que passas em Itália. Eu sei o que vai acontecer. Vais casar com uma mulher católica.

— Exatamente como a mãe — justificara, fixando os seus olhos esbranquiçados.

Ela não se deixara demover.

— Sei que dizes que te consideras católico, Cal. Não admira, tendo em conta a influência que o teu pai teve em ti, mas por lei, a lei judaica, és judeu porque eu sou judia.

— Como bem sabe, ou esqueceu porque lhe convém, não se trata apenas de me considerar católico, mãe. Fui batizado, crismado e recebi a eucaristia. Estou nisto até às orelhas, como se costuma dizer.

— Nem sequer sei o que significam essas patacoadas.

Ele olhou para um dos seus inestimáveis relógios de mesa e disse:

— Já é tarde. É melhor irmos andando para não chegarmos atrasados ao almoço.

Cal piscou os olhos à jovem bibliotecária, na esperança de que o seu devaneio não tivesse durado mais do que um segundo.

— Tenha um bom dia, Mariagrazia. Até à vista.

Voltou a concentrar-se no livro e já ia quase a meio quando deu com o nome de Lambruschini no cimo de uma página. Era uma carta que lhe era dirigida, escrita a tinta castanho-avermelhada numa letra elegante. Começou a ler a breve carta, na esperança de que ela pudesse salvar uma manhã pouco produtiva.

Bastaram alguns instantes para que o dia de Cal se tornasse consideravelmente mais interessante.

29 de novembro de 1848

Caríssimo C. Lambruschini,

chegámos em segurança. Fiel à sua palavra, o Rei Fernando concedeu-nos a graça de nos acolher. Contudo, escrevo-lhe esta carta para o alertar para uma informação que nos foi transmitida por um espião napolitano. Os republicanos estão a planear o seu assassinato. É da vontade do Santo Padre que deixe Roma imediatamente e que se junte à comitiva papal. Ademais, deverá fazer-se acompanhar pelo banqueiro. O Santo Padre expressou que, além do bem-estar do meu caro amigo, nada é mais importante para ele do que a segurança do banqueiro.

C. Antonelli

Cal encheu os pulmões com uma golfada de ar bafiento e intoxicante. Quem seria aquele banqueiro?

Capítulo 4

Roma, 1848

Giacomo Antonelli era muito jovem para ser cardeal-secretário de Estado; tinha apenas 42 anos. Os funcionários mais veteranos do Palácio Apostólico ainda tinham alguma dificuldade em aceitar um cardeal-diácono sem um único cabelo branco. Era um homem sóbrio, um administrador nato que tinha sabido consolidar a sua carreira, primeiro sob a égide conservadora do Papa Gregório XVI, e posteriormente durante o pontificado decididamente mais liberal do novo Papa, Pio IX. Porém, dois anos turbulentos marcados pela guerra tinham afastado o Papa Pio da sua veia mais liberal e feito dele um soberano de mão pesada. Agora, o jovem Antonelli precisaria de todo o seu temperamento equilibrado e de todos os seus dotes de administrador para gerir a crise que tomara conta da Cidade Eterna.

O cardeal avançava pelos salões do palácio a um ritmo pouco circunspecto, com os botins de cabedal a escorregar no piso de mármore como se este estivesse coberto por uma fina camada de gelo. A cada novo estampido de arma de fogo audível ao longe, o seu passo tornava-se mais acelerado, até dar por si praticamente a correr. Se tivesse parado para espreitar pelas janelas do corredor, teria visto o mar de calçada da Praça de São Pedro, orvalhada das chuvas da noite e reluzente sob o sol da manhã, e teria reparado que a praça estava vazia, à exceção de um pequeno número de peregrinos encapuzados e persistentes que avançavam para os portões da majestosa basílica. Por norma, àquelas horas, a praça

estaria repleta de fiéis, mas, dois dias após o assassinato, a maioria dos romanos tinha optado por ficar em casa para evitar os perigos imprevisíveis que espreitavam nos espaços públicos.

Pellegrino Rossi, o ministro do Interior do Papa, havia sido morto à facada na escadaria do Parlamento por um simpatizante republicano, um ato de violência que ecoava pelo Vaticano. Se um ministro papal podia ser assassinado pela turba, porque estaria o próprio Papa a salvo?

O Papa estava a trabalhar no gabinete que sempre usava quando se deslocava da sua residência, no Palácio do Quirinal, até ao Vaticano. Até há pouco tempo, o pontífice conseguira manter uma imagem de serenidade, mas a tensão vincava agora o seu semblante patricio numa carranca permanente e a sua pele estava coberta de manchas. Os seus fiapos de cabelo branco, por norma bem penteados por baixo do seu barrete vermelho, estavam desgrenhados como um jardim abandonado.

O Papa estava sentado à sua secretária, junto à janela.

— Obrigado por ter vindo. Dormiu alguma coisa? — perguntou, pousando a pena com que escrevia.

— Muito pouco, Santidade — respondeu Antonelli. — Conseguiu descansar?

O Papa soprou na tinta fresca e afastou-se da secretária.

— Não preguei olho. Por causa do tiroteio, que não deu sinais de abrandar.

Juntaram-se em frente à pequena lareira. Novembro ia a meio e o palácio estava gélido.

— Mantém a sua opinião desde ontem? — inquiriu.

— Sim. Roma não é um sítio seguro para si — confirmou o cardeal. — Os combates na cidade são apenas o início. Há mais revolucionários em marcha com destino a Roma. As legiões de Garibaldi estão a caminho. A legião polaca proveniente da Lombardia está a chegar. E não só. Estamos indefesos. A Guarda Suíça, como bem sabe, foi desarmada e confinada nos quartéis pela multidão. O plano que tracei para a sua fuga ainda não está garantido. Mas no espaço de dias, uma semana no máximo, será transferido do Vaticano para um local seguro longe de Roma e dos Estados Pontifícios.

— E qual será o meu destino?

— Gaeta parece-me a melhor opção.

Antonelli não quis maçar o pontífice com as complexidades diplomáticas que envolviam os embaixadores da Baviera e da França, que haveriam de garantir salvo-conduto até Gaeta, que ficava apenas a um dia de viagem de Roma, mas onde estava assegurada a proteção do Reino de Nápoles. Dali, se fosse essa a vontade do Papa, uma embarcação espanhola haveria de transportar a sua comitiva até às Ilhas Baleares até que, com a graça de Deus, a revolução fosse dissipada.

— Gaeta...

A tristeza do Papa comoveu Antonelli. Gostaria de lhe proporcionar algum consolo, mas não lhe competia fazer o papel de amigo ou confessor. Ele era um mediador e havia muito a mediar. O fogo ateadado em França espalhava-se por toda a Europa e as chamas começavam a queimar o trono de São Pedro.

Também o Papa fixava agora as chamas da sua pequena lareira que bruxuleavam por entre a pilha de lenha.

— Antes de partirmos, há, no entanto, um assunto urgente a tratar, Giacomo.

— Que assunto, Santidade?

— Não temos dinheiro.

— Isso parece-me um exagero — disse o cardeal. — Não estamos totalmente desprovidos de fundos. O recheio do Tesouro será enviado para Gaeta. Estou a tratar das diligências nesse sentido.

— Em breve estaremos falidos. E muito em breve — constatou o Papa, denotando cansaço. — Tenho uma pilha de cartas de governadores dos Estados Pontifícios a solicitar o envio de fundos de emergência. E agora, para piorar a situação, teremos de financiar um governo no exílio. Pensava eu que a situação no pontificado de Gregório era difícil. A nossa é pior.

Quando o seu antecessor, Gregório, foi eleito Papa, os cofres do Vaticano estavam praticamente vazios. A crise económica remontava ao século anterior, quando Napoleão subiu ao poder e exigiu que o Vaticano pagasse um tributo avultado a França. Quando o Vaticano deixou de conseguir fazer os pagamentos, ele enviou

tropas para Itália para pilhar as igrejas e catedrais de todos os seus tesouros, expedindo o saque para Paris. Para agravar a situação, as rendas do Vaticano caíram a pique quando Napoleão nacionalizou as propriedades que a Igreja detinha em França. A situação era semelhante um pouco por toda a Europa. Áustria, Inglaterra, Escandinávia e Alemanha, todos estes estados começaram a desviar as rendas da Igreja para os seus próprios Tesouros.

O recém-empossado Papa Gregório teve de lidar com a crise assim que assumiu funções. Ciente dos inevitáveis protestos, pediu ajuda aos judeus. Mas não recorreu a um judeu prestamista anónimo, ou a um daqueles judeus da corte que emprestavam uns milhares de libras ou francos aqui e ali; recorreu aos Rothschilds, a proeminente dinastia europeia de banqueiros. Estes eram credores de monarcas e salvadores de governos. Quem mais teria acesso a fundos suficientes para resgatar um Estado?

Fora Carl Rothschild, irmão de James de Rothschild, a figura de proa do império da família, quem se deslocara entre Nápoles e Roma para negociar os termos do acordo que haveria de salvar o regime, injetando capital no Tesouro do Vaticano à última hora. Gregório foi censurado por vezes antisemitas, mas obteve os fundos que evitaram a hecatombe.

— O que podemos fazer? — perguntou Antonelli.

— Temos de garantir um empréstimo.

— Em que montante?

O valor deixou o cardeal estarecido.

— Um valor dessa dimensão obriga-nos a voltar a recorrer aos Rothschilds — respondeu Antonelli. — Posso redigir uma missiva a Carl Rothschild e enviar um mensageiro a Nápoles.

— Não! Não podemos voltar a pedir dinheiro aos Rothschilds! — gritou o Papa, numa erupção sísmica que deixou o cardeal aturdido. — Vão saber que a nossa situação é desesperada. Não temos vantagem sobre eles. Vão explorar o seu ascendente e nós seremos obrigados a aceitar condições predatórias e devastadoras. Eles são como tubarões quando há sangue na água. Não, os Rothschilds, não.

— Que alternativa temos?

— Há outros banqueiros, outros judeus. Tenho em mente uma família arrivista que gostaria de ascender ao estatuto do clã Rothschild. O nosso amigo Lambruschini conhece-os dos anos que passou em Veneza. Refiro-me aos Sassoons, sobretudo ao Sassoon que representou os interesses da família em Veneza, mas que reside agora em Roma.

— E eles dispõem de recursos que cubram um empréstimo destas dimensões?

— A confirmarem-se as informações de que Lambruschini dispõe, sim.

O Cardeal Lambruschini fora o antecessor de Antonelli no cargo de secretário de Estado. Sendo um conservador empedernido e um rival no conclave, foi marginalizado por Pio a favor do mais tolerável Antonelli. Mas com o endurecer da postura do Papa, Lambruschini voltara a ganhar um lugar de destaque. Noutro momento, Antonelli podia mesmo ter ficado melindrado por ver o antigo cardeal a granjear os favores do Papa, no entanto agora tinha demasiado em que pensar para poder dar a devida importância àquelas politiquices que caracterizavam o Vaticano.

— Porém, creio que existe um impedimento — disse Antonelli. — O acordo de empréstimo que foi assinado com os Rothschilds estipula que somos obrigados a recorrer unicamente a eles, caso seja necessário pedir novo empréstimo.

— Nesse caso, temos de exigir sigilo absoluto aos Sassoons, de modo que este acordo não chegue aos ouvidos dos Rothschilds.

— Não será fácil manter em segredo um empréstimo papal destas dimensões — constatou o cardeal.

— Lambruschini garante que é possível — retorquiu o Papa, num tom enigmático. — Mas claro que quero mais do que sigilo.

— O quê mais?

— Quero condições favoráveis — foi a resposta. — Condições excepcionais.

— Se formos ter com eles de mão estendida, de que modo conseguiremos obter condições vantajosas destes judeus? — inquiriu o cardeal.

O Papa sorriu pela primeira vez naquele dia.

— Um trunfo, Giacomo. Um trunfo. Sei umas coisas a respeito dos Sassoons e não hesitarei em, como direi, pregá-los à cruz.

— Nesse caso, temos de entrar em contacto com esse Sassoon. Presumo que esteja sediado no gueto. Vou enviar o meu secretário para o localizar.

— Isso não será necessário — disse o Papa, levantando-se da cadeira. — Jean Sassoon está muito próximo de nós. Lambruschini mandou prendê-lo numa cela nas catacumbas da Capela Sistina.

UMA DÍVIDA ASTRONÔMICA

Durante uma pesquisa no Arquivo Secreto do Vaticano, Cal Donovan, professor de Harvard especialista em Religião e Arqueologia, descobre documentos do tempo do Papa Pio VIII que revelam um pedido de empréstimo feito pela Igreja a um banco judeu. A confirmar-se este empréstimo, ao qual acrescem quase 200 anos em juros, a soma em dívida ascenderá ao valor inimaginável de 25 mil milhões de euros, o que poderá significar a falência da Igreja Católica.

UM ACORDO REVOLUCIONÁRIO

Quando Cal confirma que a dívida ainda é válida e nunca foi paga, e com o futuro do Vaticano em risco, o Papa Celestino pede ajuda ao professor. Os receios de que o empréstimo venha a público são grandes, pois poderá causar uma onda de antisemitismo. O Papa quer que Cal interceda junto do banco com o objetivo de mediar um acordo surpreendente, capaz de abalar as fundações da própria Igreja.

UMA CONSPIRAÇÃO PERIGOSA

Uma onda de homicídios, tanto no passado como no presente, aponta para a existência de uma conspiração para que a dívida nunca seja saldada, e os conspiradores poderão estar mais perto do círculo do Santo Padre do que se imagina. Será Cal apanhado no fogo cruzado enquanto ajuda o Papa Celestino a cumprir o seu plano?

**CONHEÇA OS OUTROS
ÊXITOS DO AUTOR:**



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-662-3



9 789895 646623

Thriller